

Refúgio, exílio e hospitalidade em *Agora vai ser assim*, de Leonardo Tonus e *Teoria da fronteira*, de José Tolentino Mendonça

Keli Cristina Pacheco* 

A recusa da aceitação resignada da atual condição (des)humana parece gerar o ato poético de Leonardo Tonus e José Tolentino Mendonça. A questão do refúgio e o gesto ético humano de hospitalidade são temáticas que atravessam as obras *Agora vai ser assim* (2018) e *Teoria da fronteira* (2017), publicadas respectivamente no Brasil e em Portugal. Ambas são tocadas pela crise dos migrantes na Europa de 2015 que, como escreve Michel Agier, é muito mais que uma crise dos Estados europeus face aos imigrantes, é “aussi, au fond, une crise de la représentation de l’autre” (AGIER, 2016, p. 317). Nesse passo, Tonus e Mendonça propõem uma saída para a inquietude do tempo em que a xenofobia assustadoramente ocupa um status de racionalidade nas práticas e políticas contemporâneas, e onde o exílio não tem provocado reparação alguma, mas prolongado o trauma em um sofrimento político de uma condição que é imposta como incerta, precária¹.

Na capa do livro de estreia, *Agora vai ser assim* (2018), do poeta franco-italo-brasileiro, Leonardo Tonus, professor e pesquisador da área de literatura brasileira e migração, na Universidade Sorbonne, não nos deparamos com o título, mas com

* Doutora em Literatura e professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: kcpacheco@uepg.br.

¹ Como explica Marie-Caroline Saglio-Yatzimirsky, antropóloga e psicóloga clínica, no artigo “Tems du trauma, terre de l’asile”, em apresentação no colóquio “Migrations, réfugiés, exil”, ocorrido no Collège de France de 12 a 14 de outubro de 2016, em texto publicado em obra homônima em 2017. Nele a autora discorre sobre o caso de Raj, jovem homem do Sri-Lanka que conheceu a guerra, a tortura, e que, no status de refugiado na França, vivencia o prolongamento do trauma em um sofrimento político que o põe em constante suspeição e o rejeita, reabrindo suas feridas. Seu trabalho de escuta clínica faz com que Raj, que chegara ao seu consultório com fortes crises noturnas, mal conseguindo olhar nos seus olhos, desejando esquecer o seu passado de sofrimento físico e seu presente de sofrimento psicológico, consiga desejar transmitir a sua história aos seus filhos. O medo de Raj, após sua passagem pela clínica, se transforma. Não teme mais os pesadelos terríveis que insistiam em o atormentar, mas teme não conseguir transmitir sua experiência aos seus descendentes. Este artigo faz uma defesa à necessidade de terapia, não apenas de comida e abrigo, aos exilados e refugiados, ao apontar para a necessidade de se pôr em linguagem os acontecimentos traumáticos. Nesse sentido, é possível pensar a literatura e a poesia como espaço que ao mesmo tempo abriga o testemunho, bem como provoca a sua possibilidade, seu vir a ser, ressonando o que Giorgio Agamben já afirmara em *O que resta de Auschwitz*, pensando na forma lacunar do testemunho na literatura de Primo Levi, por exemplo

um poema-convite chamado “Entre,” que, em versos, avisa ao leitor o desejo desnudado de abalar as fronteiras das relações opacas, polidas, hierarquizadas, privilegiando uma busca pelo contato através da *obscenidade* da palavra. Será este mesmo poema, em sua forma total, que encerrará o livro, remetendo-nos a uma espécie de “oroboro”, em sua ideia de movimento.

Logo na abertura somos então lançados no espaço entre céu e mar (à terra, ao corpo, ambos porosos), onde nasce o sonho e desejo daquele que quer migrar. Na página seguinte, ainda em leitura de elementos paratextuais, o grosso traço vertical que divide o nome do autor do título da obra, o ser e o desejo da certeza da mudança, como sugere o título, *Agora vai ser assim*, sinaliza a dificuldade do projeto, signo do mundo contemporâneo, quando os muros crescem e os corpos são cada vez mais preenchidos pelo cálculo economista, pela conta demográfica, e muitos são os que naufragam antes da possibilidade de se tornarem migrantes, tragados que são pelo mar da falta de acolhimento, de hospitalidade.

José Tolentino Mendonça, padre, teólogo, tradutor e poeta nascido na Ilha da Madeira, é também ensaísta literário reconhecido², tem seu primeiro livro de poesias publicado na década de 1990, sendo *Teoria da fronteira* (2017) sua obra poética mais recente. Nela a preocupação se volta para os temas da migração, do exílio e do refúgio. O livro está dividido em três capítulos, “A fronteira”, “Sans-Papiers”, “O direito de fuga”, em títulos que revelam de forma sintética a urgência em se falar sobre este assunto, ou o objetivo do trabalho poético. Porém tal urgência logo é obstaculizada no poema de abertura “Partir sem chegar” em que o tempo se impõe àquele que deseja alcançar a margem: “Precisarás de tempo para alcançar a margem”, avisa a voz poética, que descreve uma paisagem aquática, noturna, num tatear falso que engana um “eu” que não alcança a margem, ficando à deriva, levando a indefinição: “onde a palavra dita e a palavra calada/ se tocam”. (MENDONÇA, 2017, p. 15)

A impossibilidade de alcance da acolhida também está presente em Tonus, em “Amarelinha”, de inspiração concretista, título do primeiro poema do livro. A imagem poética, com o jogo de palavras disposto na página, sintetiza o tempo em que os refugiados passam de vítimas a culpados, por conta do retorno nacionalista conjugado à primazia do econômico e às falhas do desenvolvimento comunitário.³

² Para saber mais sobre a obra de Mendonça ver artigo “José Tolentino Mendonça: o ofício incerto das palavras”, de Maria João Reynaud, disponível em: <http://157.138.8.12/jspui/bitstream/11707/6695/1/95,5%20jose%20tolentino.pdf>. Acesso em: 28/12/2019.

³ Como diagnostica Alexis Nouss, em *La condition de l'exilé* (2015), perspectiva a qual a poética de José Tolentino Mendonça parece coadunar, como veremos adiante.

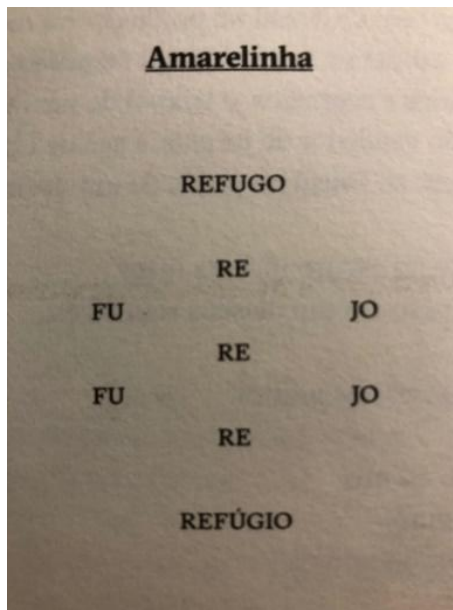


FIGURA 1 – TONUS: 2018, 9

A fuga do mal, a busca pelo *refúgio*, ponto de partida da saída no lançar do “jogo”, transforma o corpo em *refugo*. Não há céu, portanto, e nesse lance não é só o sonho que se perde, mas o próprio corpo. Porém, a voz poética nos poemas seguintes, como um repuxo, põe na superfície os corpos, os olhares, os gritos, as falas, os objetos, e revisa a história, desde a brasileira, com o poema “No escuro”, em que o Brasil se revela um país de refugiados, e o navio o nosso berço nada esplêndido; até a própria história pessoal, passada e atual, porque a pele do poeta é também porosa, e a barreira entre o “eu” e o “outro” se dissolve num olhar, como os versos no poema “Terror”: “Ontem eu vi o terror dos meus olhos/ nos olhos de um imigrante clandestino./ Meus olhos menos clandestinos/ desembarcados aqui há anos” (TONUS, 2018, p. 13).

A temática da compaixão, e a preocupação da invasão do cálculo econômico na linguagem contemporânea, aparece na poesia “Compaixão”, de Tolentino Mendonça. A solidão, e a insegurança da ausência de provisões figuram como uma espécie de portal para a possibilidade da aparição do afeto compassivo, ao pedir: “não voltes a perguntar a cotação/ ou o preço a atribuir/ deixa que o amor te torne/ um estranho no mundo” (MENDONÇA, 2017, p. 18). Nesse passo, para a hospitalidade acontecer há a necessidade de todo um processo de (des)educação do olhar, como vemos em alguns versos do poema “As viagens”: “Não ame as viagens que reduzam a estranheza/ não te desloques a lugares/ dos quais já existem relatos/ a tradição não diz muito afinal/ e os livros só remotamente indiciam o espanto/ em que se entra de olhos fechados” (MENDONÇA, 2017, p. 20). Tal poesia de Mendonça assim procura enviar o leitor à experiência temporal do destituído, daquele

que tudo abandonou, para sobreviver e salvar-se. A temporalidade aqui é outra, ela nasce também do abandono da temporalidade linear, dando lugar à concepção plena de tempo, em seu caráter messiânico, ativando uma certa sensibilidade como via possível de revelação.

No estudo “A qualificação messiânica de tempo”, Mendonça percebe no evangelho de Mateus uma concepção de messianismo que não descreve o que está para chegar, mas a sua preocupação é como se deve viver na fidelidade daquilo que já irrompeu. A poética ético-moral de Mendonça aposta na educação do olhar para que se viva o tempo das “Cronometrias”, em que a conexão não é mecânica, mas natural, cíclica:

Nos dias de Heródoto usavam-se
modos mais exactos de medir o tempo
o gotejar da água para a ânfora
o escorrer da areia, grão a grão
a viagem da sombra, como se não fosse
(MENDONÇA, 2017, p. 23).

Mensurar o tempo em sua conexão natural é justamente vê-lo não como passagem, transformação, mudança, mas como repetição, oportunidade, abertura. A poética de Mendonça engendra uma voz profética que chama o leitor para esse outro do tempo como única possibilidade de resistência ao tempo contabilizado, capitalizado, e por isso destituído de “cronometria” para olhar a paisagem do entorno repleta de seres à deriva⁴, ou à espera. O tempo a ser revelado ainda é alçapão, como indica a poesia de mesmo nome: “O tempo é alçapão, mas não te fies/ o que omites acaba por ressurgir/ como intruso escava uma saída/ rasteja por vias desconhecidas/ na distância do que pensavas perdido/ e chega a tua casa antes de ti” (MENDONÇA, 2017, p. 31). Novamente a temática da sobrevivência do afeto no tempo está no poema “Calendário perpétuo”: “Nenhum espelho esqueceu o teu olhar/ nenhuma das tuas súplicas se perdeu/ distraído como todos os viventes nem reparaste/ a sombra impressa na terra fixou tuas perguntas” (MENDONÇA, 2017, p. 43).

Em relação ainda à questão temporal, enquanto as primeiras poesias do livro de Mendonça assumem o desejo por uma temporalidade natural, messiânica, por outro lado a poesia de Tonus ancora-se, desde o princípio, em episódios da história recente, possíveis de serem identificados pelo leitor. Como exemplo, a crise humanitária que tem como marco o ano de 2015, conforme localizam Alexis Nouss e Michel Agier, é temática do poema “Um corpo sobre a areia”, de Tonus. Nele está a recusa de fazer matéria de poesia fatos violentos, como fazem os noticiários, cotidianamente, provocando a naturalização do horror. Como expressar o sofrimento

⁴ Nesse sentido, compreende-se porque Lisboa “parece fluvial” no poema “Lisboa vista da Lua”, de *Teoria da Fronteira*. Do ponto de vista lunar, na cronometria natural, seus marçanos “cantarolam à deriva/ como se vivessem e dormissem num nau/ não numa metrópole”. (MENDONÇA, 2017, p.16)

do exílio? Parece perguntar o poema, ao mesmo tempo em que ensaia responder através do testemunho: “Eu perdi a voz/ ao sair./ Não houve abraços na chegada. Ninguém esperava por mim” (TONUS, 2018, p. 14). A experiência do exílio é sofrimento o qual o eu lírico, paradoxalmente, conhece ao mesmo tempo desconhece, pelo esquecimento: “Eu não sabia dizer meu nome./ Eu não sabia dizer o meu nascimento./ Eu já não sabia dizer meu corpo./ Silêncio. Silêncio. Silêncio. Silêncio. Silêncio./ Eu conheci o silêncio. Eu me esqueci do silêncio” (TONUS, 2018, p. 15); porém, quando revelado, essa mesma voz poética não deixa de reconhecer a dor, e ver a ausência de poesia nela, fazendo-nos lembrar o ensaio de Edward Said, “Reflexões sobre o exílio”, quando o teórico se põe a pensar o *ethos* do exílio e, em determinado momento, observa que o tema, quando presente no espaço literário, leva a uma espécie de aporia da representação, ao afirmar que poetas e escritores exilados, em muitos casos, “conferem dignidade a uma condição criada para negar a dignidade – e a identidade às pessoas” (SAID, 2003, p. 48).

Nessa perspectiva, as poéticas de Tonus e de Tolentino Mendonça, em seu exercício metapoético negativo, se esforçam para escapar desta encruzilhada, ou ao menos revelam a consciência da sua existência. Em “A vida pobre”, de Tolentino Mendonça, discorre sobre a linguagem, seu espaço ou seu papel diante da pobreza, ou o processo de decalque sofrido diante da “vida pobre”, “levada pela poeira/ como se fosse uma exigência do seu ofício/ o desapego dos que depositam a oferenda” (MENDONÇA, 2017, p. 35). O poema aborda a noção da linguagem como oferta, oferenda, mas ao mesmo tempo desprovida de experiência, como é possível depreender do verso: “termos apenas para dar/ o que não temos” (MENDONÇA, 2017, p. 35). Em “Terra devastada” a voz poética adota a linguagem descritiva de um quadro cada vez mais presente e seguidamente invisibilizado, ou naturalizado, pelo habitantes das cidades: “A ponte ferroviária em ruínas/ o tapume retirado a alguma herdade/ perto do ancoradouro o posto de observação/ donde se avistam as sombras: são muitos os paraísos deixados ao abandono/ solenes como tampas de sarcófogos egípcios”. E atribui aos habitantes deste ambiente uma atmosfera solene como se portassem um segredo antigo, “que provavelmente julgamos perdidos/ [...] vigiam-nos com compaixão” (MENDONÇA, 2017, p. 36). Há aqui uma inversão do olhar compassivo que parte da cena que se deseja esquecer, esse olhar que vem e vigia a ausência do desejo de olhar de quem está do outro lado do tapume retirado, pois o rasgo na paisagem a faz presente em seu silêncio compassivo, como se escondesse o paraíso, ou o segredo de uma outra riqueza ainda desconhecida. Enfim, neste poema, a paisagem e seus atores silenciados nos olham, como enigmas a serem decifrados por um código ainda não alcançado pela voz poética.

No poema já citado de Tonus, “Um corpo sobre a areia”, na última estrofe, seus versos hospedam uma voz terna, paterna, e fracassa: “Um corpo sobre a areia/ que, entre meus dedos silenciosos,/ escorrega/ oco.” (2018, p. 15). Nesses versos finais encontra-se a fala do pai do menino sírio Alan Kurdi, logo após o naufrágio de um bote no litoral da Grécia, quando Abdullah, o pai, perdeu toda a sua família, entre eles o caçula Alan. A fotografia do corpo morto do menino de 3 anos circulou o

mundo, em uma imagem chocante, que infelizmente não cessa de reaparecer. Lembremos da recente fotografia dos corpos de pai e filha, Óscar e Valeria Martínez, de El Salvador, a menina com apenas um ano e onze meses, ambos mortos nas margens do rio Bravo, na fronteira entre México e Estados Unidos, em 2019. A imagem novamente ecoa o desespero de quem migra para viver: são corpos escorregando pelos dedos silenciosos diariamente porque são lançados à morte por políticas inóspitas que tratam os estrangeiros como inimigos, como alerta Nouss (2015).

Em “O barco partido”, poema final da segunda parte do livro de Mendonça que traz como tema o corpo, como veremos mais adiante, o eu-lírico se imagina, ou ainda, vê seu corpo como “fragmento e fantasma” de outros corpos, no corpo de um exilado: “imagino o meu descendo no escuro/ um bote atirado à solidão/ ensaiando ao mesmo tempo/ uma liturgia e um naufrágio/ para o qual tive sempre apenas espanto/ e jamais respostas” (2017, p. 56). Nesses versos a incorporação da experiência do outro transpassa os corpos do poeta e do leitor, no exercício de linguagem que procura uma aproximação radical da experiência por via da sensação física, do afeto corporal, no afã de sensibilizar, ou retirar da anestesia.

Com isso compreendemos a motivação que faz Alexis Nouss preferir, justamente pela conexão do conceito de migrante com uma noção de identidade especializada, chamar todo aquele que parte de seu território de exilados, pois o exilado “passa de um céu a outro, de uma língua a outra, e retorna na memória de uns e de outros, e as põe em diálogo” (tradução livre). Ao migrante sempre é atribuída uma descrição jurídica objetiva, ou é legal ou ilegal, ou regular ou irregular, ou desejado ou indesejado pelo Estado. Ao nomear exilado aquele que parte, considera-se a condição humana. Nouss aposta, assim, na condição exílica como aquela capaz de reenviar-nos ao humano. Não é gratuito que os noticiários falem de migrantes, e as organizações de ajuda chamem os refugiados de exilados, como frisa Nouss (2015).

Retomando o livro de Tonus, o poema seguinte, não casualmente, se chama “Estar-em-comum”, e soa como uma resposta ao desespero da perda de palavras, da perda do humano, presente nos versos anteriores. Aqui o eu lírico solicita pensar o conceito de hospitalidade como acolhimento e oferta, e nos versos finais novamente se posiciona na voz do outro, que é ele mesmo quando chega ao estrangeiro: “Nada esperar/ exceto o gesto da hospitalidade/ um estar-em-comum/ um respeitar-em-comum/ um gesto/ apenas.” (2018, p. 16). Os versos desse poema ecoam a reflexão de Jacques Derrida⁵, tanto no gesto de não se pôr fora do jogo do discurso que arma, quanto no pensamento sobre a política da hospitalidade, ou sobre o direito de cada estrangeiro de não ser tratado como inimigo no país ao qual chega.

⁵ Vale lembrar que o seminário que deu origem ao livro *Da Hospitalidade* chamou-se “Venue de l'étranger”, como escreve Alexis Nouss: « si on se rappelle que Derrida intitula « Venue de l'étranger » la séance du séminaire qui fournit le matériau de *De l'hospitalité* – le migrant serait l'étranger qui vient, mais un étranger sans nom, sans identité, sans origine, porteur d'une altérité absolue » (2019, p. 77).

A primeira parte de *Agora vai ser Assim* se encerra com “Alteridade”, poema verbi-visual em que irrompe um pedido de escuta deslocado, “me ouçam”, em meio a uma série de versos apenas com a palavra “Não”. Tonus, nessa primeira seção, parece ecoar uma percepção atual de Nouss, que localiza uma virada brutal por volta do ano de 2015, quando o corpo naufragado do menino Alan é exposto ao mundo. Desde então, aquele que migra não deseja apenas viver melhor, ou que a ele seja ofertada uma vida melhor; para Nouss, conforme escreve em *L’exil et la migration aujourd’hui: rupture ou continuité?* (2018) (conferência proferida na fundação Calouste Gulbenkian, em Paris), ele passa a migrar porque simplesmente quer viver, fugindo da guerra, da fome, da perseguição, da miséria, do desemprego, da desertificação, da devastação nuclear. A partir disso, o teórico se pergunta: “O sírio de hoje é o judeu de ontem?”. Tal questionamento coloca as vítimas das políticas migratórias atuais como vítimas de uma *Shoah*: “Ao naufrágio de outubro de 2013, próximo a Lampedusa, no qual morreram 300 pessoas, e ao de abril de 2015, quando 1.500 exilados afogaram-se, qual parâmetro, Titanic ou Auschwitz, deve ser aplicado?” (Nouss: 2018, 28. tradução minha).

Em *Teoria da fronteira* o tema do corpo aparece no centro do livro, no capítulo “Sans-papiers”. Seu saber para além da escrita, sua fala desenhada nos gestos, o corpo é a tenda nômade, é o próprio meio de transporte: “o corpo é um mergulho estranho à ideia/ um traço em permanente perigo/ buraco, declive, cegueira/ e ao mesmo tempo transparência precisa/ por variável que seja o seu vaivém” (MENDONÇA, 2017, p.52), diz o poema “O que pode um corpo”. Em “O que é cair?” (MENDONÇA, 2017, p.53) a pulsão pela peregrinação, pela fuga, pela liberdade, é o que define a possibilidade de esperança vinda do corpo desesperançado. Em “Lampedusa”, uma das “portas da Europa”, ilha que deixou de ser um lugar de passagem para quem foge, e passou a ser marco de naufrágios sucessivos, afogamentos, aborda o tema do desaparecimento, e da permanência do silêncio desses corpos “que nenhum temporal/ em nós derruba”, e ainda define: “O corpo é a caixa negra que nunca se encontra/ com ele tem fim uma transação sensorial/ mas não a potência radiante/ não o nome que lhe sobrevive” (MENDONÇA, 2017, p 54).

Nomear “os afogados” não deixa de ser um exercício da poesia de Tonus que, como vimos, inicia seu livro com a temática do corpo ante a crise migratória na Europa, ao mesmo tempo em que percebe o reflexo dessa crise humanitária, sua responsabilidade, na ascensão da perseguição a outros grupos, notadamente no contexto brasileiro. Nele a lista de estrangeiros na contemporaneidade só cresce, conforme expressam os poemas “Putá” (2018, p. 19) e “Carta aos amigos” (2018, p. 20). No primeiro a indignação da voz poética aumenta ao constatar que a mulher, o negro, o gay, o judeu, o nordestino, o pobre, tornaram-se inimigos e precisam, nos nossos dias, provar sua inocência, lembrando Joseph K., a personagem de *O processo*, de Franz Kafka, que é detido numa certa manhã sem saber o motivo. O narrador suspeita de calúnia, e cada tempo produz as suas calúnias, como intui a poesia de Leonardo Tonus, mas as vítimas parecem ser sempre as mesmas, de tempos em tempos as calúnias contra elas levam ao encarceramento. O poema

“Carta aos amigos”, por sua vez, é de uma atualidade desconcertante do cenário brasileiro atual: nele há um pedido de que o poeta seja avisado quando uma série de direitos forem perdidos.

Diferente de *Teoria da fronteira* que adota uma divisão temática, os títulos das seções de *Agora vai ser assim* fazem referência a andamentos musicais clássicos, preferindo a alusão rítmica. À primeira parte, intitulada “Troppo moderato”, segue-se “Allegro, un po’”; da constatação da tragédia contemporânea, a voz poética passa a ser guiada por amigos, livros, escritores e pensadores. Nessa seção há uma série de poemas com nomes próprios. Um deles, intitulado “com Adriana”, promove um intertexto com o poema XXIX dos “Proverbios y Cantares” (*Campos de Castilla*, 1912), do espanhol Antonio Machado, e figura como uma espécie de resposta ao verso: “*caminante, no hay camino/ se hace camino al andar*”. Porém, agora o eu lírico verifica que há um caminho já traçado, e nele não há possibilidade de criar, pois não há lacuna possível para se projetar o desejo: “num passo depois do outro/ depois do outro/ caminho/ sem a projeção do vazio” (TONUS, 2018, p. 31). É possível ver no mesmo poema também um intertexto com “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade⁶, mas as pedras agora estão nos braços dos corpos abandonados pelos caminhos, aparecem “fora de prumo”, como aponta um verso. Nesse passo, resta ao eu lírico abdicar do caminho, pois o próprio caminho, repetido nos versos, torna-se pedra: “caminho/ pelas pedras fora de prumo/ caminho/ por não ser herói de minha história/ caminho/ por abdicar ao/ caminho.” (TONUS, 2018, p. 32). No poema “Espera” revela-se então como abdicar do caminho distópico, não basta transformar tudo o que toca em matéria poética, mas perceber que no próprio gesto do toque está a poesia, como expõe, ao fim do poema, “Delicatus”: “a flor da pele/ de tua pele/ à flor.” (TONUS, 2018, p. 74).

A constatação de uma utopia perdida, que se tornou distópica, aparece na epígrafe da terceira parte de *Teoria da fronteira*, intitulada “O direito de fuga”, na citação de Sandro Mezzadra, *Confini, migrazioni, cittadinanza* que afirma: “O sonho de um espaço completamente fluido e atravessável foi talvez a última utopia do século XX. Um dos resultados da atual globalização consiste na proliferação de confinamentos, sistemas de segurança, checkpoints, fronteiras físicas e virtuais” (MEZZADRA, 2006 apud MENDONÇA, 2018, p.59). O livro de Mezzadra, de 2006, não tem tradução para português, o que revela que houve uma tradução elaborada pelo poeta, bem como demonstra seu interesse em pesquisas sobre os temas da fronteira, migração e cidadania. Também nesse capítulo há menções a filósofos, cineastas e escritoras, como Emily Dickinson. A metáfora da pedra, presente na poética de Tonus, também se faz presente no poema “As mãos”, de Mendonça, estas quando

⁶ O diálogo com a poética de Drummond é premente no livro, seja por referência direta, como no poema intitulado “Refúgio em Drummond”, em que ecoam versos de “Mãos dadas”, de autoria do poeta mineiro: “Não nos afastemos./ Não nos afastemos muito./ Não nos afastemos nunca.” (p. 38), seja pela dicção poética despojada, despida de pedantismo, bem como pelo abraço dado às questões do seu presente, sem deixar de lado a subjetividade, revelando o quanto de político existe no íntimo.

vazias são, ao mesmo tempo, desejantes e desejadas, pois simbolizam um mundo porvir em que a vulnerabilidade não é fraqueza, mas força, e resistência ao mundo dos especuladores: “Mãos vazias são salva-vidas para tempos difíceis/ uma afeição a salvo dos especuladores/ o seu vazio é uma pedra/ e se observares bem ela flutua”(MENDONÇA, 2017, p. 63), apontando para uma realidade que nasce da observação se abrindo em metáforas: “as mãos vazias esperam não o fim mas a fresta”, diz um dos versos do mesmo poema.

Nessa última seção do livro é possível perceber a tentativa de uma educação para a observação, que deve vir acompanhada da percepção de um não protagonismo do ato, por exemplo, no poema “Segredo”, que move o leitor ao lugar de Moisés, rumo ao Monte Sinai: “Não és tu que trilhas a dura montanha/ em busca da planta da vida/ mas sim ela que se incendeia/ para que de longe a avistes”. O eu-lírico avisa ao leitor que quando este chegar ao cimo, encontrará apenas o pó, porém ensina: “aprende a abraçar a revelação/ segredo destinado ao teu ouvido” (MENDONÇA, 2017, p.72). A poesia profética de José Tolentino Mendonça lança o leitor no lugar do profeta, ou melhor, o educa para a prática profética em um mundo contabilizado, capitalizado, como afirma o poema “Aviso para colar na porta do frigorífero”:

Ao entardecer no topo da colina
repara como as urtigas e os freixos
resistem à estação seca

fala a viajantes e examina suas cartas
entra em contacto com navios costeiros
de passagem para mercados longínquos
certifica-te do latir do cão e da pisada do cavalo

perde o fôlego seguindo a nuvem
quando restar dela uma cor apenas
espante-te ainda sua vontade
de recomeçar vezes sem fim

as multidões entretêm-se
com milagres que ocorrem
nos livros de contabilidade
tu ao contrário procura
estrelas distintas
que arrastem às sacudidelas
o peso do teu arado
(MENDONÇA, 2017, p. 73).

Sabidamente nos últimos anos caminhões frigoríficos têm sido também, no desespero, utilizados por homens, mulheres e crianças como meios de alcançar uma possibilidade de sobrevivência em um novo destino, basta inserir no Google as

palavras “refúgio caminhão frigorífico” para se ter acesso a uma série de notícias de dezenas e centenas de corpos encontrados mortos à caminho da Europa. O poema de Tolentino Mendonça envia o leitor ao corpo vivo do refugiado diante da possibilidade de entrar em um desses caminhões, e percebe nesse corpo, prestes a viver ou a ser morto, a plenitude do desejo que procura não aquilo que pode ser contabilizado, mas a própria vida em sua possibilidade, distante do sofrimento a qual tem sido afligida.

Retomando a leitura dos poemas de Leonardo Tonus, assim como o título do livro está na contracapa, a ordem das seções, ou partes temáticas, também parecem estar fora da ordem usualmente esperada. Tonus anuncia que, como caminhante, abdica do caminho usual da ordenação poética, por exemplo, a reflexão sobre o fazer poético, poemas de caráter metapoético, aparece mais no final do livro. No poema “Tempo”, um dos últimos da obra, se dá o anúncio do diagnóstico do nosso tempo de desamor, sendo que esse diagnóstico pode também irromper durante a leitura dos poemas iniciais, notadamente aqueles que abordam a questão do refúgio, da imigração, do exílio. Tal procedimento também parece ocorrer no livro de Tolentino Mendonça, que também pensa o poema mais ao fim do livro, como no pequeno poema em prosa intitulado “Poética”, onde escreve: “O poema segue as premissas da guerrilha urbana./ Jamais revela identidades e endereços. Estabelece/ que pontos de contacto não sejam escritos, apenas/ memorizados. Cancela dos seus arquivos nomes/ legais ou ilegais e toda a espécie de informação/ biográfica, mapas e planos. Não permite a ninguém conhecer a globalidade dos elementos em/ campo” (TONUS, 2018, p. 74).

Do mesmo modo que o poema “com Adriana”, acima comentado, em que o eu lírico afirma que resta abdicar do caminho, Leonardo Tonus, em sua estreia, propõe o reinício, o recomeço daquele primeiro jogo de “Amarelinha” que transforma tudo em refugio, onde não há céu possível, pois em sua poética há um desejo pelo céu, não o metafísico, mas aquele que se dá na imanência das relações humanas. Tolentino Mendonça não parece diferir, há em sua poesia um desejo de transformação profunda do humano em nossa era distópica da globalização, através de um exercício de lançar o leitor ao tempo messiânico, e a um modo profético de viver a vida. Em ambos os livros, de forma inusitada, desde a ordenação dos poemas, há a sugestão de que retornemos ao ponto zero da forma como estabelecemos a nossa relação com o mundo e com os outros. Entre estar na trilha do tempo linear e contínuo do historicismo vulgar do contemporâneo como linha sucessiva, Tonus, assim como Mendonça, colhe e escolhe o tempo da história como *kairós*, ao anunciar/denunciar o que foi deixado como resto: o amor, vestido *démodé* da nossa época, como pontuam as últimas estrofes do já mencionado poema “Tempo”:

Anuncia
o facho de trevas
em meu rosto!

Anuncia
o contemporâneo
que eu fora!

Anuncia
que o tempo
despiu-se
do amor
(TONUS, 2018, p. 75).

Nesse momento, vale lembrar aquilo que Nouss chama de “exilience”: um exercício de mestiçagem de dois sistemas comunicáveis, a língua de origem e a de destino, introduzindo a heterogeneidade na construção da experiência. A “exilience” é uma crise permanente que toca valores e julgamentos, obrigando ao exilado atingir uma postura crítica ininterrupta, que parece tocar o fazer poético de Tonus e Mendonça. A experiência exílica, como bem observa Nouss, marca gerações no plano individual e coletivo, assim, uma das principais funções dessa experiência é, com efeito, mostrar que todos os lugares não se equivalem, que o mal ocupa certos lugares ao ponto que ele deve ser combatido ou deixado, a fuga nesse sentido é uma forma de luta. A “exilience” lembra que o mal é humano, ao mesmo tempo em que chama à solidariedade, chamamento que acreditamos presente em *Agora vai ser assim*: chamamento de retorno, de reinício (como sintetizado no poema verbi-visual “Amarelinha”). Assim voltar ao sonho do tempo em que “sonhá-vamos comunidades/ de desejo” (p. 76); ao tempo de sorver tal como um “homem-buraco/ que nada há de preencher” (TONUS, 2018, p. 79); e, como os galos de João Cabral de Melo Neto, (re)tecer a manhã, mesmo deitado com a cabeça “no travesseiro de penas” (2018, p. 83); ou ainda lançar-se do topo da montanha, sem medo, “morro abaixo”, são formas de afirmar a existência da possibilidade de poesia, da possibilidade do grito.

Acreditamos que o chamamento da “exilience” também está presente em *Teoria da fronteira*, de Tolentino Mendonça, notadamente em sua preocupação da invasão do cálculo economista na linguagem contemporânea, também presente em Tonus, ou em sua procura por outra temporalidade que permita o despertar profético para uma existência mais humana. Mendonça, assim como Tonus, parece ver na solidão, e na insegurança da ausência de provisões uma espécie de portal da possibilidade de um novo mundo, como explicita o último poema de *Teoria da fronteira*, intitulado “Exercícios espirituais”: “Devem existir maneiras de ir além/ do pequeno fracasso/ dar agora meia dúzia de passos/ mas de olhos vendados/ ver a vida romper-se no governo do vazio/ arriscando em vez dos tropeções habituais/ a queda infinita” (2018, p. 75). Novamente a queda, o lançar-se, ou a repetição do gesto daqueles que tentam sobreviver, que sonham, se lançam no vazio do desejo de uma vida distante do sofrimento, pode ser enfim a prática capaz de (re)vestir de amor o nosso tempo.

Referências

- AGIER, Michel. L'hospitalité aujourd'hui. Une question anthropologique, urbaine et politique. In : *Migrations, réfugiés, exil - colloque annuel 2016*. Paris: Collège de France, éditions Odile Jacob, 2016, p. 317 -333.
- LOPES, Silvina Rodrigues. *Literatura, defesa do atrito*. Portugal: Língua Morta, 2017.
- MENDONÇA, José Tolentino. *Teoria da Fronteira*. Portugal: Assírio & Alvin, 2017.
- MENDONÇA, José Tolentino. A qualificação messiânica de tempo. In: *Cultura – revista de história e teoria das ideias*, vol. 23, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/1482>. Acesso em: 25/02/2020.
- NOUSS, Alexis. *La condition de l'exilé - penser les migrations contemporaines*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2015.
- NOUSS, Alexis. *L'exil et la migration aujourd'hui: rupture ou continuité?* Paris: Fondation Calouste- Gulbenkian - Délégation en France, 2019.
- NOUSS, Alexis. Portrait du migrant en arrivant Ou : Le migrant comme sujet politique. In : *Lignes* 2019/3, n. 60, p. 77-90.
- REYNAUD, Maria João. José Tolentino Mendonça : o ofício incerto das palavras. In: *Rassegna Iberistica*, n. 95, vol 1, 2012. Disponível em: <http://157.138.8.12/jspui/bitstream/11707/6695/1/95.5%20jose%20tolentino.pdf>. Acesso em: 25/02/2020.
- SAGLIO-YATZIMIRSKY, Marie-Caroline. Temps du trauma, terre de l'asile. In : *Migrations, réfugiés, exil - colloque annuel 2016*. Paris: Collège de France, éditions Odile Jacob, 2016, p. 201 -216.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia. São Paulo: Cia das Letras, 2013.
- TONUS, Leonardo. *Agora vai ser assim*. São Paulo: Editora NÓS, 2018.

Recebido em 17 de janeiro de 2022.

Aprovado em 31 de março de 2022.

Resumo/Abstract

Refúgio, exílio e hospitalidade em *Agora vai ser assim*, de Leonardo Tonus e *Teoria da fronteira*, de José Tolentino Mendonça

Keli Cristina Pacheco

A recusa da aceitação resignada da atual condição (des)humana parece gerar o ato poético de parte da produção de Leonardo Tonus e José Tolentino Mendonça. A questão do refúgio e o gesto ético humano de hospitalidade são temáticas que atravessam as obras *Agora vai ser assim* (2018) e *Teoria da fronteira* (2017), publicadas

respectivamente no Brasil e em Portugal. Ambas são tocadas pela crise dos migrantes na Europa de 2015 que, como afirma Michel Agier, é muito mais que uma crise dos Estados europeus face aos imigrantes, trata-se de uma crise da representação do outro. Nesse passo, Tonus e Mendonça propõem uma saída para a inquietude do tempo em que a xenofobia assustadoramente ocupa um status de racionalidade nas práticas e políticas contemporâneas, e onde o exílio não tem provocado reparação alguma, mas prolongado o trauma em um sofrimento político de uma condição que é imposta como incerta, precária. Com base nos estudos de Alexis Nouss, Michel Agier e outros, pretendemos percorrer algumas imagens poéticas a fim de estabelecer reflexões em torno da vivência do refúgio na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura comparada; poesia contemporânea; refúgio.

Refuge, exile and hospitality in *Agora vai ser assim*, by Leonardo Tonus and *Teoria da Fronteira* by José Tolentino Mendonça

Keli Cristina Pacheco

The refusal of resigned acceptance of the current (in)human condition seems to generate the poetic act in parts of Leonardo Tonus and José Tolentino Mendonça's creative output. The issue of refuge and the human ethical gesture of hospitality are themes that permeate the works *Agora vai ser assim* (2018) and *Teoera da Fronteira* (2017), published respectively in Brazil and Portugal. Both are influenced by the 2015 migrant crisis in Europe which, as Michel Agier says, is much more than a crisis of the European states in the face of immigrants. It is about a crisis of representation of the other. In a similar way, Tonus and Mendonça propose a way out of the disquiet of this time, when a chilling xenophobia claims status as rationality in contemporary practices and policies. A time too when an exile elicits no reparation and instead faces the prolonged trauma of political suffering in an imposed condition that is uncertain, precarious. Based on the studies of Alexis Nouss, Michel Agier and others, we intend to explore a number of poetic images in order to reflect on the experience of the refugee in contemporary times.

Keywords: Comparative Literature, Contemporary Poetry, Refugee.